



RESUMO DA SEMANA - 10 a 14/09

A semana foi recheada de eventos importantes, de muitas alternativas e de divulgação de diversos indicadores de conjuntura, tanto no segmento local quanto no internacional. Houve claramente bruscas mudanças de sinais intra e entre sessões. Porém, dois fatores se destacaram: do lado interno o processo político tomando novos rumos e, no segmento externo, as disputas comerciais e reuniões de bancos centrais. Citamos ainda pressões sobre diferentes moedas de países emergentes.

Começamos a semana com mercados de risco com tendência positiva. A preocupação que se tinha com a Itália e a condução da política econômica do país se dissiparam um pouco com declarações de medidas fiscais prudentes por parte do novo governo e também declarações do presidente do BCE, dizendo esperar que o governo respeite as regras da União Europeia. Negociadores do Brexit indicaram que entre seis e oito semanas, e ainda dentro do prazo de saída do Reino Unido da UE, será possível fechar alguns acordos. De qualquer forma, o Reino Unido divulgou uma segunda série de posicionamentos, caso não haja acordos.

Também tivemos vários bancos centrais decidindo sobre política monetária. O BOE (BC Inglês) manteve a situação sem alterações, o que significa juros básicos em 0,75%, taxa de refinanciamento em zero e aquisição de títulos no montante de 435 bilhões de libras, mas advertiu que só comprará ativos até o próximo mês de dezembro. O BCE manteve inalterada e em coletiva de seu presidente Mario Draghi indicou que a economia da região segue em recuperação e com inflação na direção da meta. Draghi falou ainda sobre as incertezas e protecionismo em alta no comércio internacional. Reduziu, na margem, as projeções de crescimento de 2018 (2,0%) e 2019 (1,8%) e deu boa notícia sobre redução do endividamento privado.

A surpresa entre os bancos centrais ficou por conta da Turquia. O BC Turco elevou os juros de 17,75% para 24,0%. Não tanto pela decisão que era francamente recomendada, mas pelas declarações do presidente Erdogan, absolutamente contrário ao aumento dos juros. O BC da Argentina manteve a taxa de juros em 60%, como esperado, mas o secretário de Trump, Kudlow, colocou “lenha na fogueira”, ao declarar que a solução para os problemas da Argentina passava por atrelar o peso ao dólar. Foi o suficiente para enfraquecer ainda mais a moeda, com a cotação se aproximando de 40 pesos por dólar. Aliás, durante todo o período, várias moedas de emergentes estiveram muito pressionadas, incluindo o real que atingiu R\$ 4,20, a maior cotação desde o Plano Real.

No que tange aos EUA, vários foram os presidentes regionais do FED que se posicionaram. Alguns como Bullard, mais suaves com futuros aumentos de juros, mas todos defendendo o

posicionamento de alta gradual dos juros. A divulgação de dados do Livro Bege veio mostrando que a economia cresce de forma moderada, sem pressões salariais e inflacionárias, mas relatando que insumos subiram por conta da tarifação americana. A leitura desse conjunto de indicadores manteve a probabilidade de mais duas altas de juros ainda em 2018, e pelo menos mais três em 2019.

Outro fator positivo que influenciou os mercados foi o convite para China e EUA sentarem à mesa para discutir novamente os problemas comerciais. Essa notícia foi confirmada pelos dois governos. Para compensar, Trump ampliou sanções contra empresas de tecnologia da Rússia e China por vínculos com a Coreia Norte. Coreia essa que pode ter outro encontro com os americanos. A inflação americana medida pelo CPI de agosto mostrou expansão de 0,2%, com núcleo em +0,1%. O núcleo mostra alta anual de 2,2%, de expectativa de 2,4%.

Trump e Trudeau do Canadá parecem finalmente estar chegando a um acordo para implementar o novo NAFTA. Merece destaque nos EUA a divulgação do déficit orçamentário de agosto de US\$ 214 bilhões, quase o dobro do apresentado em agosto de 2017. Retirada as particularidades do mês, o déficit ainda seria de US\$ 152 bilhões, ainda assim 41% maior. Ainda tivemos nos EUA, a divulgação das vendas no varejo de agosto em expansão de 0,1%, a produção industrial de agosto em +0,4% e o índice de confiança do consumidor de setembro em alta para 100,8 pontos. Destaque ainda para dados da China com a produção crescendo anualizada 6,1%, vendas no varejo com +9,0% e investimentos em ativos fixos expandindo 5,3% em 2018.

No mercado doméstico, o destaque foi sempre a vertente política. Na semana, finalmente Fernando Haddad foi confirmado como cabeça de chapa do PT no lugar de Lula. Haddad fez seu primeiro ato político, mas com a militância distribuindo ‘santinhos’ de Lula. Falou ainda em manter a política de Lula sobre Petrobras e que ela tem que ter lucro, mas atender interesses nacionais. Lembramos ao candidato que a Petrobras foi vilipendiada pelo governo do PT que quase quebrou a companhia. Além disso, é uma empresa de capital aberto e com acionistas em todo o mundo.

Durante a semana tivemos pesquisa Datafolha e IBOPE. Além das pesquisas proprietárias de outras instituições. A pesquisa IBOPE e Datafolha permitiram leituras diferentes dos investidores. A Datafolha do início da semana veio ruim mostrando Bolsonaro perdendo no segundo turno para quase todos os concorrentes, enquanto o IBOPE mostrou empate técnico. Igualmente, na pesquisa Datafolha a rejeição de Bolsonaro cresceu, enquanto no IBOPE caiu. Outra discrepância ficou por conta do ataque ao candidato. A Datafolha não viu melhora de posição, enquanto o IBOPE notou que a situação de Bolsonaro melhorou.

Observamos mudança de atitude do candidato Alckmin, que deixou de mirar críticas a Bolsonaro e passou a falar em voto útil para não deixar o PT voltar ao poder. Alckmin falou de reformas e confirmou que, caso eleito, fará o país crescer em 2019 algo como 4,0%. A pesquisa semanal Focus veio mostrando indicadores com poucas mudanças e de fraca expressão, mas deixando claro que os economistas seguem pessimistas com o comportamento de lenta retomada da economia. Isso ficou patente com a divulgação das vendas no varejo de julho em contração de 0,5%, mas crescendo 2,3% em 2018, e o volume de serviços prestados com queda de 2,2%.

RESUMO DA SEMANA

IBOVESPA : 79429 (-1,29) - DOW JONES: +0,92
NASDAQ : +1,37 - DÓLAR +1,16 (R\$ 4,16)

PERSPECTIVAS

No início da próxima semana, os investidores terão que reverberar a pesquisa Datafolha com a evolução dos principais candidatos. Está no radar que Haddad subirá, por conta de sua indicação para cabeça de chapa do PT. Tanto é verdade que Alckmin se antecipou “pregando” desde logo o voto útil. Seria preciso ainda a união da centro-direita para alavancar Alckmin e guindar o candidato ao segundo turno.

O medo dos investidores fica por conta do discurso e da situação de Haddad e de Ciro. Nesse ambiente, a Petrobras seria certamente uma das empresas mais prejudicadas, pois, segundo Haddad, teria que atender ao interesse nacional e com políticas da época de Lula, quando a empresa foi literalmente assaltada e com estrutura pouco profissional. Ciro promete reduzir preço dos combustíveis.

A política segue dominando a performance dos mercados e os dados econômicos já não fazem mais tanto efeito, ao mesmo tempo que ninguém mais presta atenção em Temer e seus ministros. Mas é importante ter atenção, pois a economia está desacelerando e a inflação começa a mostrar sua face, até por conta da performance de alta do dólar influenciando no custo de produção das empresas. É nesse ambiente que vamos transitar durante setembro e outubro. A volatilidade e as mudanças constantes de rumos ao sabor do noticiário político devem permear a atitude dos investidores.

Apesar disso, o ambiente externo parece ter ficado mais ameno. Os EUA vão voltar a discutir com a China os termos comerciais, o mesmo com o Canadá, que deve aderir ao novo NAFTA. Porém, os países emergentes vão seguir pressionados, agora com a Rússia. De nossa parte, temos alertado que o Brasil deveria ter um plano B pronto para fazer face às pressões que podem surgir. Tanto é verdade que, no ano de 2018, o CDS Brasil (Credit Default Swap) praticamente dobrou, e voltou a ultrapassar o patamar de 300 pontos.

Do ponto de vista da análise técnica, não deveríamos perder a faixa de 74.300 pontos do Ibovespa, sob pena de acelerar perdas. Do contrário, adquira consistência para conseguir voltar ao patamar de 76.600 pontos.

Alvaro Bandeira

Sócio e Economista-Chefe modalmais

Fonte: <https://www.modalmais.com.br/blog/falando-de-mercado>